

**OJM**

**Vozes da conferência**

**Confusão e insatisfação  
na universidade  
Eduardo Mondlane**

● **Castigo Langa**

Permita-me Camarada Presidente manifestar o meu regosijo pelo fenómeno sem precedentes na história da nossa organização, de o mais alto dirigente da nossa Revolução acompanhar pessoalmente todos os trabalhos deste nosso órgão máximo, o que testemunha a importância que o Partido confere à OJM. Permita-me também saudar o relatório do Conselho Coordenador da OJM pela forma fiel com que história a actividade da nossa organização e expõe os problemas da Juventude.

Quero referir-me à problemática da OJM na Universidade Eduardo Mondlane, à raiz do exemplo dado aqui pelo camarada Secretário-Geral sobre instituições onde a OJM não é bem vista. Tratarei de não ser mais crítico que auto-crítico.

Penso que a falta de implantação da OJM na Universidade Eduardo Mondlane resulta de entre nós os estudantes não termos assumido ainda o valor da unidade de pensamento e acção, condição essencial para que conjuntamente possamos lutar pela concretização dos nossos objectivos co-



Com as estruturas políticas a funcionarem na UEM, trabalhadores e estudantes estarão mobilizados.



muns a curto e a longo prazos. Neste contexto, a OJM apresentarse-ia como um instrumento útil que todos lutaríamos para preservar e desenvolver.

Acontece que todos temos pro-

blemas e gostaríamos de os ver solucionados: problemas académicos, sociais e outros. Dúvidas que gostaríamos de ver esclarecidas, todavia a OJM nunca se apresentou como meio ou alternativa pa-

ra a solução desses problemas. Nos casos em que o fez, não foi capaz de desenvolver uma propaganda que levasse ao conhecimento dos estudantes.

Dos sérios problemas com que o estudante universitário se debate devido à carga horária, falta de bibliografia em conformidade com os programas ... É de salientar a que se realizou em 1983 em que participou pessoalmente o camarada Secretário-Geral, juntamente com o Reitor, que honrou com a sua participação os jovens em todos os debates. Teve a oportunidade de ouvir as preocupações dos estudantes que se acredita serem ainda as mesmas ou um pouco mais. A última tentativa teve lugar em finais do ano passado com a eleição de novos quadros dirigentes.

Permita-me camarada Presidente, referir que a OJM foi concebida para funcionar existindo o Partido Frelimo. Neste momento, impõe-se perguntar qual é a opinião do Partido na Universidade sobre as principais preocupações dos jovens. Nos pontos de discórdia dos estudantes com as autoridades académicas, há ou não alguma medida administrativa que deve ser revista. Quem fizesse essa pergunta não encontraria resposta porque, de facto, na Universidade Eduardo Mondlane, o Partido não funciona; nunca se debruçou sobre estas questões.

O camarada Presidente perguntou nesta Conferência pelo doutor Ivo Garrido, Primeiro-Secretário do Comité do Partido, pessoa muito dedicada, que sempre procurou apoiar as iniciativas dos jovens, porque também é jovem e, talvez por razões profissionais, já não exerce as suas funções há pelo menos um ano mas ainda não foi substituído.

No meu entender, a OJM necessita do que chamaria a retaguarda. Os dirigentes da OJM na UEM não se devem sentir abandonados entre dois pólos. Por um lado, as autoridades académicas e o seu nobre objectivo de garantir uma elevada qualidade de ensino e reduzir os custos de formação mantêm-se insensíveis mesmo em aspectos cuja lógica não é evidente para os estudantes. E por outro lado, a maioria dos estudantes que



Aspecto do Seminário da OJM na UEM, realizado em 1983

vê nos dirigentes da OJM uma estrutura que nada resolve senão fazer política.

Eu queria fazer aqui um parágrafo para dizer que nestas decisões que parecem ilógicas nem sempre são ilógicas mas, são aspectos que podem ser sujeitos a várias interpretações, que devem ser implementadas por muitas pessoas e que cada um implementa à sua maneira e isso afecta os estudantes. E acredito que nem sempre há um controlo da parte dos órgãos que tomam decisões para ver como é que estão a ser implementadas as suas decisões.

#### NAO FAZER ONDAS

Camarada Presidente, penso que o nosso país deve caracterizar-se pela harmonia e complementaridade entre as estruturas. A OJM não pode incitar à desobediência ou convocar greves para se fazer ouvir. Os dirigentes estatais deveriam sentir-se obrigados a valorizar a OJM, a protegê-la, como forma de fortalecer o carácter democrático e seus mecanismos de direcção.

Esse carácter de controlo que acabei de mencionar, sendo os estudantes as pessoas visadas, e tendo estes na OJM a estrutura que os enquadra, que sintetiza as suas ideias, seria um óptimo instrumento de controlo que colaboraria com as estruturas académicas, na minha opinião.

Permita-me camarada Presidente, manifestar a minha apreensão à forma passiva como se assiste a uma progressiva degradação política e ideológica na UEM. Não

advogo nenhuma medida drástica, pretendo, sim, uma preocupação mais acentuada pela formação integral do jovem universitário e o seu comprometimento voluntário e consciente com os ideais do Partido Frelimo e com os objectivos do nosso povo, tendo em conta que cada graduado do ensino superior tem o meio social em que se insere. Penso que o exercício arbitrário da ditadura do proletariado, desvirtua o nosso poder.

Eu podia dar muitos exemplos mas vou referir alguns. Por exemplo, foi decidido que cada estudante que ingressa no ensino superior deve fazer um juramento mas, esse juramento é considerado ou comparado ao juramento de um oficial superior do exército. Acho que é justo porque do oficial do exército, de facto, custa mais a formação de um graduado do ensino superior por isso, é necessário que haja uma certeza de que este, irá de facto servir o país, virá a servir os objectivos da revolução.

Entretanto, o que acontece é que as pessoas lêem, assinam, mas isso não quer dizer que os estudantes se identifiquem com esse processo, com esses objectivos. O que a pessoa quer é fazer o curso, ao que temos ouvido dizer: «Existe na minha faculdade uma cadeira que se chama ondas electromagnéticas e eu não faço ondas» — como se quisesse referir-se à cadeira — pois o que me interessa é terminar o curso, por isso podemos preencher isto que não é nada. Isto, eu considero uma burla. É uma burla mas nós também não resolvemos nada porque

não vamos fechar a faculdade porque não temos confiança nas pessoas.

Por isso, penso que deve ser tomada em consideração essa questão. Considero que no processo revolucionário no nosso país, continua-se indefinidamente a culpar os jovens pela sua má educação. Espero que a afirmação do camarada Presidente ontem, ao confiar-nos a tarefa de educar os continuadores e chamava ao Partido a tarefa de educar os jovens, marca o início de uma nova atitude. A composição social da Universidade é favorável, porque podemos ver que, maioritariamente, estão lá filhos de operários e camponeses, filhos de trabalhadores honestos do nosso país.

Presidente Samora Machel — Também estão lá filhos de pais com um pé cá e outro fora. Continue.

Castigo Langa — A situação na Universidade é favorável à causa da revolução, penso eu, dada a composição social mas, a situação política, socioeconómica prevalente no nosso país, são favoráveis ao trabalho do inimigo. Se nos abstermos, o inimigo age. Donde nos retiramos, o inimigo ocupa. Por isso, proponho que no quadro das decisões do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo sobre a atenção a sectores importantes da vida nacional, mereça consideração o funcionamento do Partido e das Organizações Democráticas de Massas na Universidade.

Eu não queria polarizar a conferência e analisar problemas concretos e outras particularidades da Universidade por isso não me estendi muito em exemplos de problemas que ali acontecem.

## A SOCIEDADE NO SEU GLOBAL

Permita-me camarada Presidente, referir-me a outras questões que eu tinha prescrito pois considero-a muito importante. Trata-se do trabalho ideológico. Este, deve ser feito em conformidade com a época em que nos encontramos e que posso considerá-la delicada. Isto quer dizer que deve ser um trabalho cientificamente elaborado e com muito cuidado.



«Há casos que o cidadão comum analisa e vê que o fulano tem razão e que entretanto a perdeu em Tribunal», Castigo Langa

Conhecemos as conquistas da revolução e temos os exemplos das nacionalizações da terra, dos prédios de arrendamento e muitos outros mas, é muito importante, do ponto de vista ideológico, penso eu, sabermos valorizar essas conquistas. Muitas vezes nalguns dos casos, não temos sabido valorizar essas conquistas e isso é aproveitado pelo inimigo. Por exemplo, a questão das agências funerárias.

Realmente, não existe uma diferenciação de cadáveres mas, a forma como funciona agora o serviço funerário leva a que as pessoas pensem que realmente, no outro tempo a coisa era melhor porque eu tinha dinheiro, ia pagar e o meu familiar era enterrado. Isso porque para uma pessoa que perdeu um familiar, não há tempo e nem temos coragem de lhe dar explicações nessa altura. Não é oportuno. Morreu o seu familiar e há por vezes, problemas de caixões, chega a hora do funeral e ainda se tem que correr de um lado para o outro porque acabou a madeira e...

E em situações desse género, penso que com os poucos recursos que nós temos, devíamos dar maior preocupação devido ao carácter melindroso do assunto, a forma como isso atinge as pessoas. Por isso, podiam-se evitar certas situações que ali se têm verificado.

Eu podia dar o exemplo da justiça mas aí é um pouco difícil porque eu podia citar o exemplo de suspeita e, infelizmente, eu sou proibido de dizer coisas que não posso provar.

P. S. M. — A tua educação é que te proíbe e não nós.

C. L. — Digo isso porque mes-

mo na Universidade diz-se que o engenheiro não pode estar a falar de coisas que não pode provar...

P. S. M. — Qual é o teu curso?

C. L. — Electrotécnica.

P. S. M. — Estava a ver o tipo de pensamento; o fio condutor...

C. L. — Na Justiça existem casos em que a forma como o processo todo decorreu, às vezes, dá a impressão de que o defensor officioso foi subornado para defender uma causa injusta. Há casos em que o cidadão comum analisa um problema e vê que o fulano tem razão que entretanto a perdeu em tribunal além do resto dos processos de condenação e tudo o mais... e o cidadão comum não sabe o que deve fazer e diz que afinal é tudo a mesma coisa. Agora, tanto como no tempo colonial.

Outra questão, se me permite, é o problema do racismo. No meu entender, deve-se buscar raízes materiais da questão do racismo. Porque, realmente, há um recrudescimento do racismo e, pelo menos aqui no Maputo, eu sinto isso. E em que reside essencialmente? As condições materiais em que as pessoas vivem, nas facilidades com que as pessoas contam para conseguir alguma dada coisa. Por exemplo, fala-se dos candongueiros, esses vulgares à parte das pessoas que vivem ou aparentemente vivem honestamente do seu trabalho, constata-se que há certos sectores da sociedade, em termos de raça, que têm grandes manobras, conseguem levar uma vida minimamente aceitável. E, em alguns casos, de pessoas que não têm uma preparação académica que justifique esse estatuto e

alguns são desses que por exemplo, estudam, reprovam várias vezes ou consegue fazer a 11.ª classe e vai para Portugal ou outro país e depois volta com o estatuto de cooperante e já está a ganhar trinta contos ou cinquenta em divisas... E nós começamos a ver que este era meu colega, sei perfeitamente que ele é ignorante mas está aqui. (palmas).

Mas estes casos acontecem e as pessoas começam a dizer que é por ser branco e porque o chefe tal, o Ministro tal também é branco e talvez tenham laços, tomam juntos o café...

De modo que estes problemas, na minha opinião, devem ser tratados na sua origem material portanto...

P. S. M. — Não é tão difícil tratar desse problema. É preto, branco, indiano que foge para Portugal, não é verdade? Pronto, acabou. Vamos ver quem os contratou, quem os trouxe cá e veremos quem está envolvido em quê. (Palmas).

... É muito fácil. Podemos fazer, desde já, um levantamento que nos forneça, ao governo, casos que vocês conhecem, de vossos colegas ou de outros que es-

«Muitos jovens estão a sair do país. Jovens graduados mas que estão insatisfeitos pura e simplesmente por causa dessa política de quadros»

tavam formados e não formados, foram para Portugal, voltaram para aqui, para nós sabermos quem os trouxe aqui. As vezes são bandidos armados. São representantes dos bandidos armados, esse é o primeiro ponto. Deram exemplo da Tâmega quando o teu colega Chissano falou, contrata-se até fiel de armazém para vir de Portugal e analfabeto. Não é verdade? Dê-nos esses exemplos, esses casos todos, que até não é preciso discutir, pune-se primeiro aquele que o trouxe para aqui.

C. L. — Excelência, esses casos causam grandes aborrecimentos, principalmente nos jovens formados e que vivem em piores condições e isso penso que é um perigo para o processo revolucionário em curso no nosso país. Muitos jovens estão a sair, jovens graduados mas que estão insatisfeitos, pura e simplesmente por causa dessa política de quadros...

#### POLÍTICA DE QUADROS

\* P. S. M. — ... Política de quadros, entendo muito bem, provoca desigualdade, descontentamento, injustiça. É claro que esse processo não é só aqui que está a acontecer. Está a acontecer em Angola. Quando eu fui lá ao Congresso do MPLA-PT, deu o relatório o camarada José Eduardo dos Santos ao Congresso e referiu-se ao problema do cooperante. O que disse o teu colega Chissano, apoiar o desenvolvimento do nosso país para conquistarmos o poder económico. Segunda direcção: formação de moçambicanos e contratar, fundamentalmente, quando é necessário. Não contratar por simpatia. Acontece em Angola, o regresso massivo de portugueses e que querem recuperar as suas casas. Contaram-me uma história triste lá em Angola. De um português que regressou lá, foi para a sua antiga casa e encontrou lá um preto a quem disse para sair dali porque a casa era dele. O patrício, tal como chamam ao preto em Angola, tentou discutir mas o português disse «não tente discutir comigo» e, pegou na pistola e «phá», partiu a perna do patrício. O povo não agrediu o português porque tem esperança no Partido tal como vocês. E este é que é o

lugar propício para a apresentação de problemas. Tomámos conhecimento dos problemas da Universidade e muitos outros sítios. Uns são problemas políticos, outros são problemas ideológicos, socioeconómicos e devem ser resolvidos, descobrir-se a causa desses problemas porque a Universidade é o centro em que está o país inteiro do Rovuma ao Maputo. Então, é o centro da Unidade Nacional. Vocês estão ali camaradas, colegas e amigos mas há certas arbitrariedades irreflectidas que afectam importantes sectores da vida, da economia, da sociedade. Por isso, não podem continuar com dúvidas na Universidade. Não podem ter receio, medo. Um aluno da Universidade na RPM ter medo, não pode acontecer. É proibido. A ditadura proletária... ainda não atingimos muito bem essa fase. Faltam os mineiros... O que é o teu pai... A maior parte, na Universidade, são filhos de funcionários, camponeses... principalmente funcionários e por isso tiveram acesso mais depressa à Universidade. Porque é difícil trazer o camponês para a escola, a Universidade tem muitos filhos de funcionários. Temos que criar condições para que venham os filhos dos camponeses, os filhos dos operários e os operários neste momento só estão em Maputo, Beira, Nam-pula, um pouco, ainda não se estendeu a todo o nosso território, a exploração de minas de carvão, de ferro, cobre, urânio, fábricas de alumínio, ferro e aço. É isso que nós queremos, para termos filhos de operários.

Por isso não queremos medo lá. Nós queremos perguntar a vocês se a nossa linha está correcta ou não. Correcto? Elaborar rigorosamente esse problema ideológico é com vocês. Elaborar cientificamente a formação dos nossos quadros na Universidade. Então é preciso sentir-se livre, plenamente livre.

Ouvimos os vossos problemas e algumas medidas já foram tomadas faltando apenas anunciar. Muito obrigado, jovens. □